ANO VIII — Barcelos, 22 de Maio de 1924 — NUMERO 45 (3. série)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

ASSINATURAS
Ano... 10$00 Semestre... 5$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... $50
Repetição... $40
Comunicados linha... $70

DIRECTOR E EDITOR-Abade Alexandrino José Leituga * ADMINISTRADOR-P.e António EsteveS * PROPRIEDADE da Empreza da "ACÇÃO SOCIAL,

C. M. B. BIBLIOTECA

A NOSSA ORIENTAÇÃO E A AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Com muita satisfação e infinito agradecimento, arquivamos, neste lugar, a seguinte carta que do nobre Primaz das Espanhas, ilustre e zelosíssimo Arcebispo desta arquidiocese, recebemos:

«Il.mo e Rev.mo Snr. Director da «Acção Social»

Na recente visita que fizemos na vila de Barcelos ao clero do seu arciprestado, pudemos tomar conhecimento directo da salutar influência que a «Acção Social», sob a ilustrada e criteriosa direcção de V. Rev.a, tem exercido nessa região e do denodo e galhardia com que ela tem sempre exposto e defendido as normas e a sapientíssima orientação traçada pela santa Igreja aos católicos portugueses, na dificil conjuntura em que há muitos anos se encontram na sua pátria.

Congratulamo-Nos com V. Rev.a pelos resultados já obtidos, mercê da acção persistente e esclarecida do jornal, cuja orientação Nos apraz aplaudir, e esperamos confiadamente que, tanto na defesa como no ataque, saberá sempre, como até ao presente tem acontecido, manter inflexivel a linha de serenidade e respeito mútuo que nos impõe a caridade cristã.

Assegurando pois a V. Rev.a a Nossa simpatia e aplauso, fazemos votos pelas prosperidades do jornal, que do coração abençoamos bem como aos seus numerosos leitores.

Braga, 17 de maio de 1924.

† *Manuel, Arcebispo Primaz.*»

Beijamos, com respeitosa submissão, o sagrado anel de S. Ex.a Rev.ma e agradecemos do coração a benção que nos é dada, a nós e aos nossos caros leitores.

E ficamos bem. A nossa orientação mereceu o aplauso da autoridade eclesiástica.

Serve êste aplauso de estimulo aos nossos trabalhos. Continuaremos, como até aqui, a expor e defender as normas e a sapientissima orientação traçada pela santa Igreja aos católicos portuguêses.

Recebemos agradecidos esta preciosíssima benção, que sempre nos há-de dar alento para manter inflexivel a nossa orientação, na exposição e defeza da doutrina da Igreja.

E ficamos bem com esta valiosissima aprovação da nossa orientação e dos nossos trabalhos.

MÃE E FILHA

Sá Pereira. Congresso-chinfrim — Liberalite... liberticida endêmica. Ontem e hoje. — A R. não muda... — Imutável, só Deus.

Discretiando a seu modo sôbre os freqüentes e assomadiços dispautérios do sr. Sá Pereira, pretenso *leader* da barulhenta corrente radicaleira do partido democrático, devaneando especialmente sôbre a algazarra esbravejante, com acres ressaibos anti-religiosos, do último congresso (charivári?) do Pôrto, não perderam os nossos insofridos anti-centristas ensejo de vir, muito anchos, ferrotiar o Centro,... porque os católicos nada têm a esperar da rèpública,... porque a r. nasceu torta e não endireita,... porque a r., parturejada da maçonaria, alicerçou-se sôbre o ataque cerrado à Igreja (similhantemente à m. de 1834...)... porque a r., para agitar a opinião pública, se firmou nos odientos e falsos *canards* da irmã Colecta e do caso Calmon...

Ora sim, senhores!

Tudo está muito bem; só tem o defeito de, empregado contra o Centro, provar de mais, e por isso não provar nada. Vejamos.

A começar já pelo caso Calmon.

Quási todos os contemporâneos se lembram ainda daquele *charivári* de mil demónios das massas *soi-disant* liberais, quando da chamada questão religiosa de 1901, daquela vozearia trovejante e rancorosa, daquele vaiar furibundo, apoplético, contra as congregações religiosas.

... As congregações que a pêna emérita de Sena Freitas, descrevia então: «são semelhantes a patrulhas vigilantes, postadas, ou de ronda, ao longo do campo imenso do sofrimento, incançáveis em acudir às mil formas porque a miséria ou a desgraça social se revelam; são vedêtas de paz, que não de guerra, estacionando atravez dos alcantís da dor e da invalidez para laquear feridas, estancar prantos, alumiar ignorâncias, amparar decrepitudes, afofar enxergas, embalar berços. Umas abrem orfanotrófios e rodas para as inocentes vitimas da extrema pobrêsa ou do vício, outras organizam colégios de primeira ordem, que seriam perfeitos se não tivessem o terrivel defeito de neles se ensinar... que há um Deus e que o homem não é um mero animal; outras evangelizam a dôce religião de Jesus no meio do gentio idólatra e bárbaro, outras criam hospitais para os desherdados da fortuna ou manicômios para os alienados que passam a ser a companhia única e o elemento único de sociabilidade para as *horriveis* irmãs de S. Vicente de Paulo que lhes servem de enfermeiras; outras fundam casas confortáveis de luz, de bom ar, de bons leitos e melhores carinhos e dizem aos vèlhinhos octògenários e já trémulos de invalidez— «vinde habitar o ninho tépido que nos preparamos»; outras, as hospitaleiras, andam pelos domicilios a curar gratuitamente enfermos, passam 50 e 60 noites, vestidas, aos pés dum doente, para acudirem ao primeiro gemido de dor, como se a caridade não tivesse pálpebras,... outras abrem asilos para cegos ou para surdos-mudos, outras, as heroicas irmãs de caridade, instalam ambulâncias em meio de campos de batalha, sem que as amedronte o graniso morfífero das balas, outras... mas é forçoso acabar».

Pois êstes prestantes institutos da Igreja, que são «todo o Evangelho da Misericórdia posto em obras» estas benemerentissimas associações «que representam as mais eloqüentes manifestações de altruismo e os mais inconcussos esteios da ordem pública»,—eram então o alvo dos rancores de exterminio daquelas maltas ferinas de liberais (liberticidas é que eram, da liberdade de associação!), açuladas, acicatadas principalmente pelo côro quási unisono da imprensa que agitava, febricante, o espantalho da reacção, moia e remoia a estafada cegarega do *jesuitismo*, revelho estribilho, rombo nariz de cera lá do tempo de Pombal e do Mata Frades.

A imprensa! e que imprensa era? o *Norte*, a *Vanguarda*, o *Mundo*, o *Noticias*, em suma, a republicana e... a monárquica, tendo à frente o principe dos jornalistas dentão, Emigdio Navarro, cuja atitude insólita Sena Freitas exprobava desta forma:

«Emigdio Navarro! Emigdio Navarro! Principe indisputado da numerosa familia dos jornalistas da minha terra, peregrino talento, mas não tão peregrino carácter, pêna de fina têmpera que 40 anos de indefesso labor ainda não ôxidaram: que crusada é essa que V. Ex.a empreendeu e de que se tornou o *leader*? Que chama insólita se lhe incendiou no peito à última hora, quando já o longo evolver da idade costuma amadurecer nos espíritos reflectidos o nobre sentimento da tolerância? A que visa? Que foi que lhe motivou essa hostilidade contra os homens das comunidades religiosas para tomar tamanhas proporções?... sinto não compreenda, ou antes, não atenda a que é uma flagrantissima contradição adorar o Cristo e perseguir aqueles que são os mais dedicados discípulos e apóstolos de Cristo, as mais firmes escoras da sua religião, os executores eméritos dos seus conselhos evangélicos, donde tem manado milhares de santos e mártires, o jardim que tem fornecido à Igreja as mais formosas flores do seu agiológio, sem embargo de tôdas as defecções parciais dêsses homens».

Por isso afirmar que a questão religiosa de 1901 foi uma campanha de perseguição à Igreja, movida *só* pelos rèpublicanos é um contrasenso que briga com a justiça e verdade histórica. Não.

Para mais lá está aquela cèlebre e ruidosa manifestação liberal dentão na tourada do Campo Pequeno, a qual D. Carlos acolheu com ares de simpatia, sendo por isso vivamente aclamado; a sugestão que depois disso fez Hintze Ribeiro a entidades católicas que o procuravamos para que organizassem uma manifestação que suplantasse a liberal, afim de êle poder fazer alguma coisa pelas congregações; a representação que em seguida foi levada a El-Rei por uma comissão presidida pelo cardial Neto, e que o monarca acolheu, segundo informam, com gesto de indiferença, de enfado; o decreto subseqüente de Hintze, de 18-4-1901, regulando as congregações, mas, de facto, colocando-as sob a espada de Damocles do govêrno que, a um pretexto, as deceparia, dissolvendo-as e *bifando-lhes* os bens, de mão morta, como realmente começou a fazer Teixeira de Sousa, descarregando-lhes as primeiras machadadas e completou a rèp., liquidando-as de todo.

Não: A perseguição religiosa de 1901 foi uma crise da liberalite... liberticida endêmica, como o foram as pombalinas do século 18, as liberais do primeiro quartel do sec. 19, a *caçada aos padres* de 1895, etc., tôdas sob a monarquia; e as de 1910 e subseqüentes, com a variante de baixa escala do chinfrineiro congresso do Pôrto, sob a rèp.

Quid inde, contra o Centro? Nada; antes mais evidenciada a sua necessidade e utilidade tanto em rèp. como em monar. que não é tal, por si, intrinsecamente, a protectora nata da Igreja, como à viva fôrça querem fazer crer,

Mas a r., bradam sempre, não muda, nasceu torta e torta há-de morrer.

Não muda? E' imutável?! Sério?

Mas isso é... deifica-la. Não há instituição humana nenhuma que não mude. Imutável é só Deus.

Mas talvez me refira a isso mais de espaço.

V. A.

ADIVINHA POPULAR

Sou filho de pais cantantes,
minha mãe não tinha dentes,
nem mesmo nunca os tiveram
todos que são meus parentes.
Quanto a mim, sou todo calvo,
meu coração è amarelo
e o resto... é todo alvo.

Decifração da última publicada: — *Seguro.*

Balanças para correspondência
muito precisas em todos os escritórios.
VENDEM-SE NA COMPANHIA EDITORA DO MINHO

A' LA DIABLE

(CRONICAS LIGEIRAS)

Após umas semanas de forçado repoiso, volto ao campo da liça, não de ponto em branco, como faziam antigos guerreiros, mas com as armas enferrujadas, como combatente já sem energias.

Todavia, as poucas que me restam dá-las-hei pelos nobilissimos ideais, que são o meu fanal brilhante: *Deus, Pátria e Rei.* Porque é preciso que se saiba que o pobre e inútil *Infirmus* da «Acção Social» é, também, e com muita honra, e com provas à vista; e com cicatrizes evidentes, um soldado da Monarquia; bem o diz o lema: *Deus* (em primeiro lugar os ensinamentos da Igreja, a direcção dos seus pastores), *Pátria* e Rei (Monarquia) com a sua direcção politica, os seus ensinamentos, as suas aspirações, as suas tradições, o seu futuro e progressos, as suas glórias e as suas grandezas.

* * *

A Rèpública está em perigo.

Assim o disseram há dias no parlamento alguns ilustres gansos, em linguagem eloqüente, em gestos largos de Júpiter tunante.

O perigo não lhe advem de ter o cerne carcomido de vícios de origem, de se ver a braços com o bolchevismo impante, ou com o anarquismo operando em plena rua, agredindo a tiro cidadãos indefessos, simplesmente porque representam a ordem ou a autoridade; não, o perigo para a Rèpública, ou para esta Répública de Sás Pereiras e Torres Garcias advem-lhe do *gravissimo facto* de se ter convertido ao catolicismo um lente ilustre, cuja mentalidade corre parelhas com a sua integridade moral. O lente convertido é o sr. Dr. Angelo da Fonseca, sumidade scientifica e alta capacidade catedrática.

Pois os *grandes rèpublicanos* levaram a conversão, (com a missa diária, a comunhão freqüente, etc.) ao soalheiro parlamentar e *pediram providências contra êle!*

* * *

Mas então *isto* está tudo doido, positivamente! Providências coercitivas contra actos de pura consciência!, contra actos do mais absoluto fôro interno reservado só a Deus *(De internis solus Deus)!*

Mas como era preciso juntar ao atrevimento a infâmia e a calúnia, vá de atirar ao ar, indefinido, incoercivel, balão de oxigênio, o boato de que o Dr. Angelo da Fonseca envolvido nas malhas duma sindicância aos seus actos como director dos hospitais, pretendeu fugir a problemáticas responsabilidades pela porta da Igreja?

Duplamente infames!

Como se a Igreja encobrisse traficâncias, ou como se o Dr. Angelo da Fonseca as tivesse praticado!

O sr. Dr. Angelo da Fonseca como bom católico, perdoando a injúria e a calúnia, não deixará de quebrar os dentes cariados e infectos do caluniador!

Nunca as mãos lhe dôam...

Infirmus.

Lugares selectos

Concluimos hoje o notável artigo *Discordâncias*, do suplemento ao *Serviço d'El-Rey*:

«A queda do raciocínio do Snr. Conselheiro é simplesmente horrível. E porquê? Simplesmente porque o Snr. Conselheiro se fez advogado do absurdo de querer restabelecer a velha Carta Constitucional que levou Portugal à ruina e à perseguição religiosa.

Tôda a argumentação do Snr. Conselheiro repousa na inacreditável afirmação de que a Restauração tem de ser o atar duma corda quebrada, considerando como não existente o «hiato» rèpublicano!!!

E' assombroso de ingênua idealogia!

Diz-se o Snr. Conselheiro um *realista*, isto é, um homem que só vê as *realidades* sociais. Mas a Rèpública Portuguesa é uma realidade e eliminá-la, por um simples traço da pêna de redactores do *Diário do Govêrno*, é um crime contra a natureza das coisas. Portugal não para enquanto a Rèpública vive. A sua evolução social e mental faz-se e a passos agigantados. A Monarquia restaurada tem de encarar não *realidade histórica* de 1910, mas *realidade social* do ano em que se faça a Restauração. Nessa hora, a Carta é um documento velho, sujo, que não se pode adaptar à nova realidade social a que a Monarquia vai dar alma.

Economicamente, politicamente, socialmente, religiosamente a Monarquia receberá essa herança que difere do Portugal de 1910 como a água do vinho.

Mas—o que é o respeito pelos princípios liberais!—o Snr. Conselheiro esforça-se em querer de monstrar que os «restauradores» de 1919 tinham que «*repôr* o que estava» em 5 de outubro de 1910 e que representava uma ordem de coisas assente numa tradição de quási um século»!

Pois erraram os «restauradores» de 1919, porque não é lícito eliminar as conseqüências do «parêntesis» rèpublicano e **não merece respeito a tradição do êrro.** E que *statu quo ante a 5 de Outubro* é êsse que o Snr. Conselheiro pretendia fazer ressurgir? Precisamente o mais hediondo de todo o período liberal.

Para que ocultar a evidência? A Monarquia caiu vergonhosamente porque a não souberam prestigiar, porque a não souberam defender. E porque o não querem hoje reconhecer muitos dos nossos correligionários, sofremos o justo castigo de continuarmos a ver a Pátria órfã das instituições que melhor se adaptam à sua vida secular.

*

Por último, o Snr. Conselheiro pretende resolver os problemas vitais do Estado—ordem pública e problema social; questão financeira e económica—e só depois o problema político!

Punhamos a casa em ordem e depois filosofemos sôbre política, diz Sua Ex.ª.

E' simplesmente espantoso!

Mas o problema político é que domina a solução de todos os outros problemas do Estado. Isto é o *a b c* de todos os homens públicos. Serão os princípios dominantes na política que darão ou ordem ou desordem, boas ou más finanças, boa ou má atmosfera social.

E é por isso que nós, os defensores duma Monarquia nova, que diferirá da Monarquia caida em 1910 mais do que esta difere da Rèpública, não abdicamos de princípios políticos que teem de ser proclamados logo no acto da Restauração.

São êsses princípios monàrquicos tradicionalistas, que hão-de triunfar na hora própria e repôr o país no verdadadeiro caminho dos seus destinos imortais.

Desfeitas aí ficam as razões anti-nacionais expostas pelo Snr. Conselheiro com o fim de enaltecer uma causa velha que só poderá ter defeza num planeta onde seja desconhecida a faculdade de pensar. E para isto não foi preciso chamar em nosso auxílio um homem da esquerda, como o fez S. Ex.ª

Sim. O Snr. Conselheiro, como argumento final, chama em auxilio do seu raciocínio o snr Poincaré que, embora reconheça as maldades da constituição rèpublicana francesa, é de opinião que a sua reforma se faça só depois da reconstituição económica da França.

Infeliz paralelo!

Então a estabilidade política francesa pode comparar-se com a subversão que em Portugal produziu o regimen rèpublicano e se continuaria com a mudança de instituições?

Mas quem pode afirmar que o snr. Poincaré tem razão?

A campanha a favor da revisão constitucional continua mais activa do que nunca. O snr. Poincaré combate-a, não porque a acha fértil em sobressaltos sociais, mas porque é hostil ao pensamento dos revisionistas, entre os quais sobresai o snr. Millerant, actual presidente da República. O snr. Poincaré combate a revisão constitucional porque é um homem da esqnerda.

Os liberais portuguêses querem manter a Carta porque são também homens da esquerda.

Eis tudo.

*

Releve-nos o Snr. Conselheiro Luís de Magalhães estas discordâncias, tornadas públicas com o único fim de manter princípios essenciais do programa da Causa pela qual trabalhamos.

O autor destas linhas, o mais humilde dos membros da Comissão instaladora da Acção Realista, desta cidade, tem pelo Snr. Conselheiro a mais alta admiração e o mais profundo respeito.

Pessoas de sua família foram por largos anos administradores de vastas propriedades suas. Grande e perdurável é, e sempre será, a gratidão que existe, entre os seus, ao Snr. Conselheiro pelas penhorantes atenções e provas de amizade recebidas.

Excelentes também devem ser as suas recordações pelos que o serviram velando e administrando o que era seu. Conhece, pois, de perto, S. Ex.ª a inteireza do nosso carácter.

Por êle pode bem avaliar que éramos incapazes de escrever estas linhas com a intenção de o magoar ou desrespeitar a sua prestigiosa e veneranda personalidade. Trata-se apenas, nesta resposta, de definir e defender doutrina.

E é-nos até imensamente grato render aqui a nossa mais sincera e profunda homenagem ao Snr. Conselheiro Luís de Magalhães, uma das mais nobres e altivas figuras do antigo regimen e que sempre se impoz inconfundivelmente pelos mais decididos sacrificios prestados à Causa da Pátria e pela incomparável dedicação e extrema lealdade a S. M. El-Rei.

Pôrto—Março de 1924.

Joaquim C. de Vasconcelos

JARDIM FEMINIL

Ex.ma Sr. D. Maria Alice:

Não imagina V. Ex.ª quanto senti não a vêr por aqui no dia de Páscoa. Deus permita que a impertinente gripe, respeite, de futuro, mais a V. Ex.ª e não nos pregue destas *partidas*. V. Ex.ª, creia fez cá falta. Foi muito lembrada pela velha *visinhança*; e até o snr. Abade, que nunca faltou á verdade, nem falou de mais, nem disse uma coisa por outra, até êsse lamentou a falta de V. Ex.ª

...O que seria se V. Ex.ª não tivesse tido, como teve, o cuidado de lhe mandar servir o cafésinho e de lhe deitar na cêsta embrulhos com os folares das meninas. Ele bem nos merece tudo, diga-se, em respeito à verdade.

Hoje, fiquei a scismar como uma festa tão simples nos enche tanto a alma. Um rapaz com a campaínha, um homem de opa com a cruz, dois homens com cêstas, outro com a caldeira da água benta, mais quatro a seis individuos e o snr. abade de barrete, sobrepeliz e estola... Que cortejo, que procissão tão pobre! tão reduzida! Mas a campainha, neste dia, embora a mesma, não tem as vozes aflitivas de quando se leva o Sagrado Viatico aos enfermos, nem o som tristonho, lúgubre dos dias de funerais. Ouve-se mais longe e o seu vibrar apressado e de *falsête* leva a alegria à freguesia inteira. A opa vermelha brilha mais. O beijo na cruz consola-nos como nunca. E até o snr. abade, escalvado já e mimoseado de achaques, mexe-se alegre, como um rapaz de 20 anos.

E a imponência mundana dos cortejos cívicos, mesmo os espaventosos e tão pouco cristãos arraiais com músicas, foguetes e concorrência de milhares de pessoas não valem esta procissão tão simples da visita pascal. «A paz seja nesta casa e em todos os que nela habitam»... ou um simples «*aleluia*» quanto valem!

Nosso Senhor Jesus Cristo, morto pelos judeus, resuscitou, como disse.

.....

E muitos judeus da nossa época também neste dia beijam o pé da imagem do Senhor! Uns será para enganar as tias, de quem esperam herdar, outros talvez para não perderem o voto dalgum simplório que presenceia a scena; e ainda outros porque, longe dos falsos amigos, não resistem à voz remordente, mas imparcial da consciência que lhes grita: «Ajoelha-te... animal».

Deus os converta a todos...

*

* *

E lembrar-se a gente que uma ceremónia tão inofensiva tem sido algumas vezes dificultada, proibida!

*

* *

Quando éramos crianças, V. Ex.ª lembra-se perfeitamente, quási tôda a gente, durante a quaresma, oferecia o seu folar ao Snr. Abade.

Apezar disso, no dia de Páscoa, ovos *tingidos* e bugigangas das docerias caiam nas cêstas. Tinha de ser, dizia o chefe e confirmava a patroa, porque aquilo era o folar das pequenas..

O Snr. Abade agradecia muito e oferecia também ovos tingidos. E assim os que recebia, às dúzias, nunca enchiam as cêstas, nem aqueciam o lugar.

Hoje conservam-se todos os costumes, tôdas as praxes. Apenas as bugigangas das docerias desapareceram, por caras e inúteis, para darem lugar a uns embrulhos contendo, ora pacotes de «vinagrinho» ou «reserva do mestica», ora uns lenços, camisolas, chávenas, numa palavra, coisas aproveitáveis que o Snr. Abade aprecia muito mais.

Meu sobrinho Luís, que também andou no compasso, assistiu, à noite, ao desembrulhar de tôda aqnela feira de coisas. E disse que o Snr. Abade estimou muito mais um singelo lencinho de mão que havia oferecido a filha duns honrados jornaleiros, do que uma nota de 50:000 rs. que vinha dentro dum envelope perfumado e que fôra oferecido por um mimalho caprichosa, filha duma nova rica vaidosa.

E tinha razão o Snr. Abade.

Quem sabe se aqueles 50:000 rs. foram mal havidos?

Tenha paciência, minha senhora, mas há de contar-me se a visita pascal na vila, aonde V. Ex.ª neste ano foi forçada a permanecer, tem os mesmos encantos da aldeia.

O Snr. Abade também é por todos bem recebido?

Se, como tenho ouvido, há por aí muita gente boa, isso é que há-de receber folares ricos! Capotes, fatos, arrobas de bacalhau...

Tudo deve ser, para que nos distingamos dos que prendem, expulsam e roubam o clero, chamando-lhe ainda por cima ladrão. O pároco é pai, é pastor, é chefe; vive para nós. Devemos fazer com que nada lhe falte.

O que lhe dermos não nos fará falta. Ele é o ministro dAquele Deus que tudo nos dá.

Foi esta a doutrina qne aprendi de meus velhos e nunca me dei mal com ela.

De V. Ex.ª at.ª ven.ra e obg.ª

Uma cachopa da aldeia.

O SOL E O ARADO

(Ao Ex.mo Senhor Dr. Reis Maia)

Abençoando as sementeiras,
com sua mão faiscante,
vem o Sol do mar distante,
cheio de amor e canseiras...

De sulco em sulco às carreiras,
passa o arado cantante,
e diz ao Sol, radiante:
—«Ajuda-me a arar as leiras!»

E o sol responde-lhe:—«Amigo!
«Prepara o leito do trigo,
«que eu o farei germinar».

Ouvindo isto o arado,
corre o campo lado a lado,
a sorrir e a cantar!

ARNALDO BEZERRA DE AZEVEDO.

FRANQUEIRA

(Da Chronica da Soledade)

XII

27—Tem dentro na cerca fonte de boa agua nativa, tão antiga, que julgamos ser do tempo dos primitivos Fundadores, por estar no sitio, onde fundárão. A esta se vem ajuntar outra melhor agua, que de fóra em maior abundancia se conduzio ha menos annos, sendo Ministro Provincial o R. P. Mestre Fr. Manoel de Castello-Branco Ferrão, e Guardião do Convento o R. P. Fr. Manoel do Porto Neves Confessor, a qual depois poz em melhor fòrma o Guardião Fr. Domingos de Monte-Alegre, ou de Salto, Confessor, sendo Ministro Provincial o R. P. Prégador Fr. Estevão de Coimbra, e fez a famosa fonte com seu pateo, escadas, e frontespicio com a Imagem de Santo Antonio, que serve aos Religiosos no Verão do melhor recreio. Desta fonte vem a agua por canos de pedra para o serviço da cozinha, e lavatorio: vem tambem a um vistoso, e espaçoso jardim de flores, em cujo lado, fazendo fronte ao Convento, se vê uma Capellinha muito asseada, e nella a melhor da vara de Jessé Maria Santissima na sua mysteriosa Imagem da Conceição immaculada. Do outro lado está formada uma alta fonte da sobredita agua, feita de pedra de canteria bem lavrada, e no seu frontespicio a Imagem de N. P. S. Francisco. Desta fonte vem a agua a hum bem feito chafariz, que está no meio do jardim, e daqui com a que sobeja das officinas se ajunta em hum grande tanque de pedra, com que se regão as hortas. Tambem parte desta agua antes que chegue ás officinas vai sahir ao terreiro fóra da Portaria em duas bem feitas bicas, huma de hpartma e, eu outra da outra da porta da Capella do Senhor da Vida, que a adornão singularmente, e serve de beneficio aos romeiros, que vem ao mesmo Senhor, e á Senhora da Franqueira, e mais gente, que vai ao nosso Convento: he agua, que ainda no anno mais esteril nunca faltou.

28—No meio do souto, que fica ao Nascente do Convento, está tambem huma pequena fonte, chamada a *Fonte dos Frades*, onde se descobrem vestigios de paredes, e assentos, que teve de huma, e outra parte para adorno della, a qual no tempo, em que a cerca comprehendia aquelle terreno, ficava dentro do ambito da mesma. Domina este Convento com a vista toda a Villa de Barcellos, e toda a terra, que em distancia de muitas leguas lhe fica do Oriente por todo o Norte até o Occidente, e deste duas para trez leguas até o mar Oceano, correndo a sua costa até entrar por elle dentro, e mui dilatada distancia, vendo-se por elle navegar as embarcações do Norte para o Sul, e do Sul para o Norte, e as que sahem da barra do rio Cavado, porto, em que se carregavão de ouro deste Ofir as frotas daquelle mais sabio Rei Salamão (*Corog. Portug. tom. 1. trat. 5. c. 3.*), e depois o foi das armadas, com que os Romanos conduzírão gente para conquistar Braga, e as terras a ella sujeitas, que erão muitas, sendo esta huma das sinco vias Romanas, que para aquella augusta Cidade havia. Meia legua de area assima deste porto em sitio areoso ao Sul do rio está á vista do mesmo Convento o grande, e antigo Lugar de Fão, de muitos Pescadores do mar habitado, onde os nossos Religiosos vão pedir esmola de peixe fresco, e seco, do qual são bem providos, por ser a gente daquella terra muito devota, posto que pobre.

(*Continua*).

BICHAS E FOGUETES

Vêm os jornais àtulhados
Com noticias alarmantes
A'cerca de revolução!
Está aqui, 'stá por instantes!...
E tudo fica como dantes,
Não aparece o papão!

São radicais democráticos,
São radicais outubristas
A dizer:—Ela aí vem!
São até os comunistas,
Unidos aos bolchevistas
E os talassas também.

Tudo conspira a valer
Ainda que mais não seja
Co'a lingua que Deus lhe deu.
Porém... que a cousa se veja
Como o bicho da cereja,
Foi... um ar que lhes fugiu!

O que se vê e se sabe,
O que se conta e se diz,
E' que o público tesouro
Está mesmo por um triz
A esborrachar o nariz
Na banca-rôta do ouro...

Tudo nele mete a unha,
A' vontade e sem receio,
Para a vidinha arranjar!
Tudo faz o seu recheio!
E' isto o que, há muito leio
Na imprensa popular.

Mas porque é que cá, a nós,
Caro leitor, só nos dão
Como dinheiro uns farrapos
Que nos besuntam a mão
E que não prestam—Pois não?—
Nem sequer... p'ra guardanapos?

ZEZÃO.

LACRES EM CORES
Vende a Companhia E. M.

Pelo Hospital

Não sabemos, a estas horas, se alguma cousa há resolvido para a elaboração da lista dos Irmãos da Santa Casa, que hão-de administrar aquela simpàtica casa dos pobres no triênio de 1924 a 1927.

Insistimos na ideia de se organisar uma lista, em que entrem as competências de todos os partidos e facções, para que a caridade se canalise para tão cristã instituição e os pobres e inválidos vejam carinhosamente tratada a sua causa.

No próximo número trataremos êste momentoso problema com o carinho e ardor que êle merece.

E ficaremos, só assim, de bem com a nossa consciência.

Biblioteca barcelense

Antonio Carvalho da Costa (sec. XVII e XVIII), clérigo do hábito de S. Pedro, matemático, natural de Lisboa.

Nasceu a 20 de abril de 1650, e faleceu a 27 de Novembro de 1716.

Foi dotado de muito talento, empregando boa parte da vida e da fortuna que possuia em instruir-se nas sciências matemáticas, excepcionalmente na história e topografia do país. Acabou a vida tão destituido dos bens da fortuna, que não se lhe achando com que se lhe fazer o entêrro, foi necessário que a Ordem Terceira do Carmo suprisse com as despezas, como a irmão pobre.

Na sua obra *Corografia Portuguêsa*, 1706, t. I, trat. I, liv. I, cap. XIX, ao descrever os privilègios, honras e isenções que os reis portuguêses concederam aos moradores da (então) vila de Guimarães, fala duma provisão de el-rei D. João I (a qual não viu e nunca existiu), em que manda que os vereadores da vila de Barcelos vão àquela vila, nove mezes por ano, varrer a praça e açougues, nas vésperas das festas da sua Câmara, como castigo da cobardia dos soldados do terço de Barcelos na conquista da praça de Ceuta em 1415, e recompensa ao valor dos soldados do terço de Guimarães que, dividindo-se em dois troços, defenderam não só a parte que lhes foi confiada como também a dos barcelenses.

Mas, se acaso isto assim sucedesse, que culpa teve a Câmara de Barcelos com o procedimento dos soldados ou sua cobardia em Ceuta, ficando ela aqui socegada e tranquila?...

Se o terço era comandado por oficial que dela fazia parte, e se êle foi a causa de tal procedimento, depois que «Os Mouros se refizerão, & tornando com grande força para recuperarem a Cidade, que tinhão perdido, (e) a investirão com grande furia. & alaridos à escala, de que desanimados os de Barcelos, & atemorisados seus animos, fugirão, & deixarão de todo livre a estancia, que se lhes tinha encarregado para defenderem, (a qual) vendo-a os de Guimarães de todo desamparada, se dividirão em dous troços, hum com que a forão ocupar, & defender, & outro com que defendãrão a sua, que lhes estava entregue; & (se) com tanto valor o fizerão em huma, & outra estancia, que só delles, aquelles inimigos se forão mais queixosos», para que castigava el-rei a Câmara de Barcelos, onde seu filho bastardo, D. Afonso, conde e senhor desta vila assistente aos combates, como comandante das tropas levadas dos seus territórios do Entre Douro e Minho, uma câmara que merecera toda a confiança do donatário, antes da sua partida?..«.

A punição com justiça caia sobre o culpado, que, muito embora, vereador e oficial, não era senão um vogal dela e não a colectividade.

(Continua)

B. Antas da Cruz.

Ecos e Noticias

Caminhos de Ferro

Foi aprovado no parlamento (Deputados), na generalidade e na especialidade, o projecto de construção de Caminhos de Ferro, entre Póvoa de Varzim e Espozende, Barcelos, Braga e Guimarães.

Contrariou a aprovação do projecto o sr. Ministro do Comércio (Nuno Simões, de Famalicão) e tomou parte activa e importante na sua defeza o sr. Marques de Azevedo, de Barceios, Deputado pelo Circulo de Braga, como também, entre outros, Crispiano da Fonseca.

A mais importante modificação foi a feita ao artigo 1.º, que ficou assim redigido:

«E' concedida ao cidadão Francisco de Sousa Magalhães o direito de construção e exploração, por um periodo de noventa e nove anos, de um caminho de ferro em leito próprio, de via reduzida, de 1 metro de largura, que, partindo de Póvoa de Varzim, com ligação à linha de caminho de ferro do Pôrto á Póvoa, siga a costa maritima, passando por A-ver-o-Mar, Estela, Praia de Apùlia, Fão, Espozende, Castelo de Neiva e Anha, vindo a terminar em cais Novo; e de uma linha transversal que partindo de Espozende pela margem direita do Cávado, por Barcelos, Braga, até Guimarães, passando nas proximidades de S. Vicente de Areias».

Folgamos em dar esta noticia e mais folgaremos quando virmos iniciados os trabalhos.

Cédula pessoal

E' obrigatória para todos os cidadãos portuguêses desde 15 de junho do corrente ano. E' indispensável para variadissimos casos: inscrição no recenseamento eleitoral, abertura do sinal público, para qualquer contrato, para servir de testemunha, para poder fazer-se qualquer registo civil, etc. etc., sempre que seja preciso fazer-se a identificação do cidadão.

Desde 15 de maio a 15 de julho, a cédula custa 1$00 e mais 1$50 de busca, se fôr indicado com certeza o dia do nascimento, aliás mais 1$50 por cada ano de busca.

Esta cédula è passada por quem retiver os livros dos registos de nascimentos. Os Párocos, pois, a quem ainda não foram... *confiscados* os livros do registo paroquial, podem passar estas cédulas, em impressos, que custam 0$50; as restantes serão passadas nos vários postos do registo civil.

E' preciso o sêlo branco, que os Párocos não possuem. Até 15 de julho, porém, êste sêlo será aposto (ou poderá ser apôsto) no registo civil. Depois, será... o que fôr.

Depois de 15 de julho, os emolumentos serão pagos em dôbro.

E' conveniente, pois, que, até então, todos se munam destas cédulas.

Dr. Baptista Neiva

Está em Lisboa, em serviço de advocacia, e com intenção de alguma demora, o nosso presado amigo dr. António Baptista Neiva.

Desejamos-lhe muitas felicidades.

Visita

No último domingo, vieram a esta vila e a Barcelinhos os quartanistas da Faculdade de Medicina, do Pôrto.

Como é próprio de acadêmicos, a sua estada nesta vila produziu a nota comunicativamente alegre da mocidade.

Pelo Caminho de Ferro

Foi transferido para a Alfândega o chefe da estação do Caminho de Ferro desta vila, vindo ocupar o seu lugar o chefe da estação de Nine, que vem precedido da fama de bem educado e cumpridor exacto dos seus deveres.

Correspondente do Banco Popular Português

Por indicação do sr. Conde de Azevedo, foi nomeado correspondente, nesta vila, do Banco Popular Português o nosso caro amigo Francisco Machado Carmona, acreditado negociante, que tem a estima e consideração gerais.

Os nossos parabens.

Passeio catequistico

No último domingo, as crianças desta vila que freqüentam a catequese foram em passeio à frèguesia de S. Paio de Carvalhal.

Foram acompanhadas pelo nosso muito digno Pároco, rev. Joaquim Gaiolas, pelo rev. Bonifácio Lamela e pelas catequistas.

Na igreja de Carvalhal, recitaram o terço do Rosário e receberam a benção do Santissimo Sacramento.

A tôdas as crianças foi oferecida uma apetitosa merenda, pelo rev. Alexandre Gaiolas.

Foi feita, no local, uma rifa ou venda de vários objectos, que adquiriram com senhas da catequese.

Tôdas as crianças retiraram satisfeitas e alegres, com tão agradável passeio que lhes foi proporcionado.

A grève dos Correios e Telègrafos

Teve também seu reflexo nesta vila esta gréve. O pessoal maior, por solidariedade, abandonou ante-ontem o serviço. A estação foi ocupada militarmente, ficando com o serviço de telegrafia o sr. sargento Cunha.

O pessoal maior pediu a comparência do sr. comandante militar, para ficar verificado, na entrega, que nada faltava nem houve *sabotage*. Foi uma gréve ordeira, se não são antinômicas estas palavras.

Tem sido elogiado o pessoal maior, por querer sair com honestidade e sem o mais leve estrago em tudo quanto estava debaixo das suas ordens e superintendência.

O pessoal menor conserva-se ao serviço.

Novo Pároco

Foi nomeado Pároco da frèguesia de Paradela o rev. António Pereira da Lomba Júnior, de Vilar de Figos, que já tem exercido iguais funções em outras frèguesias dêste concelho.

Felicitamos os paroquianos de Paradela, porque o rev. Lomba Júnior é um sacerdote digno e zeloso.

Nascimento

A esposa do nosso amigo António do Nascimento Cruz, digno empregado na capitania do pôrto da Póvoa de Varzim, brindou-o com uma robusta criança do sexo masculino.

Parabens.

Festa de educação fisica

No próximo domingo, na Cêrca do Hospital, pelas 10 horas, haverá esta simpática festa, que consta de canto e ginástica.

Tomarão nela parte os professores e alunos da Escóla Primária Superior desta vila, bem como tôdas as Escolas Primárias da vila e as de Barcelinhos, Alvelos, Vila-Frescainha, Silva e Carapeços.

MADEIRAS DE VITOLA E FORRO

Compram-se na Empreza Industrial de Barcelos, Ltd.ª—Fàbrica da Granja.

O concelho de relance

Macieira, 19.

Com o nome de Miguel foi baptisado um filho de Manoel Domingues de Araujo; com o nome de Maria Belmira, uma filha de José Augusto da Silva; com o nome de Manoel Joaquim, um filho de António Ferreira do Paço; e com o nome de Terêsa, uma filha de Joaquim da Silva Miranda.

—Com 71 anos de idade, faleceu a snr.ª Margarida da Conceição; com 74, faleceu o snr. Luís Francisco de Oliveira; e com 84 o snr João José de Carvalho; e com 58, o snr. António José Ferreira.

Pêsames às familias enlutadas.

—Os sócios do Sindicato Agricola desta frèguesia, em número de 47, uniram-se e fizeram por junto a requisição do sulfato e enxofre, sendo aqui distribuido.

Ficaram muito satisfeitos, por adquirirem o sulfato à razão de 3$70 cada quilo, quando no comércio aqui é vendido a 4$20.

Atê os não sócios lucram, porque, se não fôra o Sindicato, para que preço não iriam tais gêneros?

Bem haja a Direcção do Sindicato por tanto trabalhar em favor da agricultura.

Tamel, S. Fins, 17.

Com o máximo brilho realizou-se no pretérito domingo uma imponente festividade em honra de Nossa Senhora da Portela na sua ermida, constando, de manhã, de missa solene, com exposição no fim dela, e sermão pelo nosso Rev.mo Pároco. Prègou de tarde o Rev.mo Abade de Alheira, concluindo esta festividade com uma brilhante e bem organizada procissão. Continuam como juizes desta festividade o Ex.mo Snr. Doutor Matos Graça e a ilustre senhora D. Joana Lindoso. Após a festividade de manhã, o nosso bom Pároco ofereceu um lauto banquete a vários colegas e amigos, entre os quais se encontravam os Rev.mos Párocos do Couto, Sta. Leocádia, e P.e João A. Pereira; e Ex.mos Snrs, Dr. Matos Graça, Antonio Martins. Manuel P. Vilas Boas, Manuel Quintas, etc. Trocaram-se entusiàsticos brindes, não esquecendo saudações aos Rev.mos Snrs. Arcipreste de Barcelos e Abade de Carapeços, cuja ausência foi muito sentida e especialmente por se encontrarem enfermos.

—Após um cruciante sofrimento, entregou a alma a Deus a Snr.ª Terêsa de Jesus, de 72 anos de idade.

—Com regular concorrência realiza-se, na igreja paroquial, a devoção do «mês de Maria».

Campo, 19.

Foi baptisado um filho do snr. Francisco Cunha.

—Em passeio recreativo, estiveram em Guimarães e Fafe os snrs. Guilherme Duarte Pinheiro, esposa e irmã Cândida.

—A 19, foi mandada celebrar uma missa pela snr.ª Custódia Duarte Paulino, homenagem de pessoa que lhe deve muita amizade.

—Está determinada para o quarto domingo de junho a festa em honra do Santissimo Sacramento.

O tríduo, em honra do Sagrado Coração de Jesus, resolveu-se que termine no segundo domingo de agosto.

—A 18, faleceu o snr. João Souza do Santos. Pobre e doente, foi uma pessoa de bem. Na terça-feira, houve, por caridade, uma missa a sufragar-lhe a alma.

Abade de Neiva, 19.

Tivemos o prazer de abraçar aqui os nossos bons amigos revs. José da Costa Lino e Firmino Caetano Calafate, da Póvoa de Varzim e o snr. Aguiar, 1.º aspirante da Repartição de Finanças daquela vila.

—A convalescer duma longa enfermidade, que felizmente vai quási debelada, com o que muito rejubilamos, está nesta frèguesia o snr. dr. Francisco Laranja de Castro Bicho, da Póvoa de Varzim, quartanista da Faculdade de Medicina do Pôrto.

—Veio, no sábado, a esta frèguesia, o nosso amigo Tadeu Pereira das Neves, de Vila Conde.

Veio trazer sua esposa e filhinhas, que aqui se demorarão uma larga temporada com sua respeitável sogra D. Constança Pacheco.

—Para fiscalizar e dirigir umas obras no seu mimoso prédio e casa, vem repetidas vezes a esta frèguesia o nosso caro amigo Adelino Lopes dos Santos, honrado negociante, do Pôrto.

—Propaga-se, com rapidez, nas videiras, sulfatadas ou não, o terrivel mildiu.

Carvalhal, 20.

Vieram, no domingo passado, a esta frèguesia, em passeio as crianças da catequese de Barcelos, acompanhadas do seu zelosissimo pároco, do «apóstolo dos operàrios» Rev.mo Snr. P.e Lamela, de algumas catequistas e bastante povo. Depois de assistirem aos exercicios do mês de Maria e de receberem a benção do S.S.mo Sacramento, foi-lhes servida no adro da egreja uma boa merenda, que comeram com apetite e que agradeciam com palmas e outras manifestações de regosijo, sôbretudo quando apareceu «a règuinoba».

Fez-se em seguida um sorteio de prêmios que decorreu no meio dum entusiasmo indescritivel, findo a a qual todos se retiraram para a vila. Como esta visita não era esperada, as crianças desta frèguesia não receberam condignamente os seus companheiros, o que muito nos contristou, porque faz muito bem esta confraternisação das criancinhas.

—De passagem para o «Sameiro de Barcelos» vimos nesta frèguesia as familias dos nossos amigos João de Souza, Armênio Correia, Coelho Gonçalves, Quintas, Guimarães e a gentilissima filha do ilustre e brioso militar Snr. Capitão Alçada e outras cujos nomes não nos ocorre.

—Ultimamente consorciaram-se Domingos da Silva com Angelina Fernandes e José Longras com Delfina de Barros, aos quais desejamos um futuro repleto de muitas felicidades.

—Baptisaram-se com o nome de Maria Belmira uma filhinha do nosso amigo Domingos Pereira dos Santos, do lugar de Medros, e com o de Laurinda a primogênita do nosso bom amigo João Gomes Ferreira, do lugar de Pontogães.

Parabens.

Santa Casa da Misericordia

Nos termos do art. 26 do estatuto desta Santa Casa, são convocados todos os irmãos inscritos no respectivo recenseamento eleitoral, para em Assembleia Geral, no dia 1 de Junho, pelas 10 horas elegerem a meza administrativa, definitario à meza da assembleia geral, que ha-de administrar esta Santa Casa e seus estabelecimentos anexos, no proximo trienio.

Quando a esta não concorra a maioria dos irmãos, proceder-se-ha á eleição no 2.º domingo, ou seja no dia 8, à mesma hora, com qualquer numero de irmãos e sem outro anuncio.

Barcelos, Secretaria da Santa Casa da Misericordia, 20 de Maio de 1914.

O Presidente,

Teotónio José da Fonseca

ATENÇÃO

Delfino Pereira, residente na frèguesia de Barcelinhos, encarrega-se da embalsamação de aves e de quadrúpes.

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE — RUA D. ANTONIO BARROSO — BARCELOS

TIPOGRAFIA *oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côres.*

ENCADERNAÇÃO *oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.*

PAPELARIA *vendas por junto e a retalho, de papeis de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritorio.*

EMPREZA INDUSTRIAL DE BARCELOS, L.da

(FABRICA DA GRANJA)

Largo da Granja, 9 a 17—BARCELOS

Serração, Carpinteria e Marcenaria

Executa-se, com perfeição e rapidez, qualquer encomenda, com grande vantagem e economia para os Snrs. Construtores e Proprietarios.

Preços sem competencia.

Ismael de Macedo & C.a

Rua D. Antonio Barroso, 34 e 36

BARCELOS

Completo e variado sortido em casimiras, chales, malhas, panos crus, panos brancos e muitos outros artigos.

Um bom sortido em miudesas

PREÇOS DE RECLAME

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO & C.a

Barcelos { Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoutos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas e muitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia—Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguêsa e mais portos, etc. Passaportes para França, Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos serão sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.

Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,